X COLÓQUIO INTERNACIONAL
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
ISSN: 1982-3657

INFÂMIAS, AFETOS E "MANCHAS URBANAS": FRAGMENTOS NARRATIVOS DE UMA PESQUISA NAS FRONTEIRAS DA CIDADE

LAZARO BATISTA
MARINA LUIZA PEREIRA GUIMARÃES

EIXO: 23. PESQUISA FORA DO CONTEXTO EDUCACIONAL

Este trabalho se propõe apresentar alguns dos resultados alcançados em pesquisa que objetivava conhecer processos inerentes à normatização, disciplinarização e contra-controle que atravessam os modos de ocupação e partilha do urbano em Boa Vista, capital do estado de Roraima, na atualidade. Para empreender tais esforços, são retomados marcos teórico-metodológicos da filosofia da diferença, do pós-estruturalismo e da psicologia social. Seus resultados, acenam para as contingências, subjetivações e práticas de resistência cotidianamente colocadas em funcionamento na cidade. Ademais, demarcam o sentido das afetações experimentadas nessa modalidade de pesquisa e aquilo que ela nos pode ser útil na produção do conhecimento em ciências humanas e sociais.

Infâmia, biopolítica e "manchas urbanas": inscrições do urbano em Boa Vista-RR

O presente texto é resultante das observações colhidas no âmbito do projeto de pesquisa "Psicologia, Processos de Subjetivação e Práticas de Resistência em Boa Vista-RR", do qual fazem parte os seus autores. Trata-se de pesquisa que se volta ao estudo de algumas pistas e imagens referentes a processos de subjetivação e práticas de resistência que podem ser encontrados no espaço urbano da capital do estado de Roraima na atualidade. Conforme apontado por Machado (1999), esses modos de subjetivação referem-se aos processos de dissolução das formas dadas e cristalizadas, uma espécie de movimento instituinte que ao se instituir, ao configurar um território,

assumiria uma dada forma-subjetividade. Entendidas aqui como processos de subjetivação na cidade, essas pistas e imagens dizem respeito, desse modo, às formas – explícitas ou ruidosas – como pessoas comuns operam rupturas contra a normalização biopolítica da vida ou estabelecem, em sua relação com o mundo e consigo mesmo, sentidos outros aos usualmente professados ou socialmente reificados.

Para tanto, busca problematizar como a modernidade anuncia uma sobreposição entre privado e público, fazendo-os se tocarem e entremeiam-se na cidade. Um esquadrinhamento fronteiriço muito bem delimitado daquilo que se define desde então como público e como privado (ELIAS, 1994). No primeiro caso, através do ordenamento das ruas, da construção de vias mais largas que favorecessem a circulação do ar, de pessoas e mercadorias. Já naquilo que se passa a definir como 'privado', por meio da criação de lugares específicos e de regimes de tempo determinado para cada atividade (FOUCAULT, 2008a). Essa mudança faz-se sentir na arquitetura das casas, mas também nos modos de relacionamento entre as pessoas, criando-se certa "intimidade", lugares e horários específicos para se falar e fazer certas coisas.

Mas, não apenas isso. À constituição dessa cidade disciplinada, que delimita a ação do homem às suas funções ou lugares institucionais, juntar-se-ão outras estratégias postas em uso a partir da segunda metade do século XVIII. Tais estratégias se inserem nas mudanças inauguradas pela ascensão de uma forma de governar que extrapola os processos de individualização, típicos do poder disciplinar (FOUCAULT, 2013). Nominando essa nova "arte de governar" como biopoder ou biopolítica, Foucault (2008a, 2013) se atem a estudar os chamados "mecanismos de regulação" da vida que ele faz funcionar, atrelando-os ao que ele denomina de norma.

Assim, diz ele, diferente do antigo modelo disciplinar, no qual o que estava em questão era o controle e escrutínio dos espaços e tempo, tendo em vista a máxima individualização e a produção de corpos dóceis, nos procedimentos biopolíticos, não se tratará somente da distribuição e vigilância dos indivíduos dentro de uma série de instituições que começam a surgir, mas de abordar alguns fenômenos amplos da vida biológica. Em lugar de um poder que se interessa pela produção de um corpo individual, as mudanças do espaço urbano se inserem numa trama que se volta para o cuidado sobre a vida enquanto espécie, atentando para uma série de eventos (mortalidade, fecundidade, natalidade, higiene etc) que se relacionam ou dizem respeito, mais do que ao indivíduo, à segurança de determinada população (FOUCAULT, 2008b).

Ou melhor posto: nessa cidade da biopolítica, trata-se ainda de dar conta da relação poder-espaço, de exercer o controle dos fluxos, porém, não mais do homem enquanto corpo, mas do homem enquanto espécie ou vida biológica. Por um lado, resguardando-a, maximizando-a; por outro, tornando possível e justificável que, sob o pretexto de proteger ou purificar a população, também

se possa dar cabo da vida de alguns (FOUCAULT, 2013).

É assim que essa configuração biopolítica incide anulando, limitando ou regulando uma realidade através de alguns instrumentos de proibição e de prescrição, sem que para isso precise tornar clara e manifesta quais são tais prescrições ou proibições (FOUCAULT, 2013). Tudo se passa agora de modo mais sutil, embora as fronteiras que essa sociedade da segurança define sejam explícitas: petições públicas, muros, cercas, câmeras de vigilância, vidros levantados, rostos sisudos demarcam os limites e perigos do contato com o outro.

Nesse caso, não se tratará, hoje, de empurrar os anormais para fora do entorno da cidade, mas de fazê-los excluído dentro mesmo dela. De torná-los sempre mudos, sempre do outro lado (MAUTNER, 1999). De imputar a invisibilidade, fazendo-nos crer se tratar de homens inferiores, aos quais não resta nenhuma possibilidade, nenhuma expressividade, nenhum valor. Homens de "lugar nenhum" (BAPTISTA, 1999), sobre os quais nada pode ser dito; ou melhor, sobre quem não há nada que mereça ser dito, pois "possuem os fins de suas histórias, já estão prontos, só lhes resta olhar pelo espelho enferrujado o tempo passar imóvel" (p. 102).

Nesses termos, produzem-se na atualidade novos infames (FOUCAULT, 2006). Pessoas comuns, tornadas singularmente infames pelo seu choque com o poder, pelo encontro com uma força que as tornam desprovidas de valor, passíveis de punição, exemplo de inglória, dignas de ostracismo. Pessoas que têm suas vidas modificadas ou mesmo dizimadas, a partir de fragmentos textuais do que se dizia ou achava de suas "existências relâmpagos" (p. 205). Poucas e breves linhas a respeito de vidas obscuras, comuns, miseráveis, daqueles viventes, os quais passam a ser definidos por algumas poucas palavras que os tornam indignos para sempre. Enfim, vozes e rostos desqualificados que, por meio das poucas palavras a eles relacionadas, transmutam-se em portadores de uma impingem de desonra, injúria e baixeza.

Uma história dos homens infames, aponta o filósofo francês, daria conta de levantar estas sutis e ao mesmo tempo assombrosas narrativas, pretendendo indagar qual teria sido a sua razão de ser, a que instituições ou a que prática política se referiam, ou saber por que, e em quais circunstâncias, tornou-se de súbito providencial que elas fossem sufocadas ou abafadas – nos dizeres de Foucault (2006), "como se sufoca um grito, um fogo, um animal" (p. 201).

A essa ideal normalizado de cidade, configurado como a interposição de barreiras entre alguns elementos que devem ser positivados e outros que podem – inclusive - ser mortos, pareceu aderir a constituição do espaço urbano em Boa Vista, quando, em meados dos anos 1940, a capital do estado de Roraima tornou-se uma cidade planejada, seguindo o modelo de projeto de urbanização parisiense. Idealizado pelo engenheiro Darcy Aleixo Derenusson, Boa Vista ganhou ruas

organizadas de forma radial, de maneira a priorizar e facilitar o fluxo de pessoas e veículos e com vias amplas, acelerando os deslocamentos e facilitando a circulação de ar (VERAS, 2009).

É uma cidade em leque, como se diz: "é radial com um grande espaço vazio no centro, para onde tudo converge, o centro do poder." (TRINDADE *et alli*, 2009). O processo de expansão urbana experimentado pela capital macuxi, todavia, remodela essa cidade-leque, fazendo surgir bolsões de pobreza nos seus entornos e mesmo no interior do desenho planejado – a exemplo do "bairro" Francisco Caetano Filho, área "periférica", localizado no centro da cidade, usualmente conhecido como Beiral.

Ali, aquilo que mortifica a vida ou subtrai sua potência aparece tanto como alarde, como nas veleidades do dia-a-dia. Por exemplo, na arquitetura precária de algumas casas de madeira, ladeadas por mansões. Também na exclusão do mercado de trabalho, quando, durante processos de seleção, informam o lugar onde moram ou de onde são oriundos. Assim como na produção cotidiana da infâmia que rotula seus moradores como ladrões, traficantes de drogas e prostitutas (SANTOS, 2014).

Isso, acreditamos, acena para a consolidação de um momento de conformação urbana de Boa Vista em que, depois de um espaço definido pelo projeto urbanístico radial concêntrico de inspiração francesa, a partir de meados da década de 1970, a cidade começa a experimentar um vertiginoso crescimento, em virtude da descoberta de garimpos e de incentivos do governo militar à vinda de pessoas de outras regiões do país (STAEVIE, 2011). Denominando esse atual momento de "mancha urbana", Veras (2009) irá caracterizá-lo como um momento em que a antiga cidade planejada passa a não dar conta das novas questões, tipos humanos e problemas que se anunciam.

Assim, enquanto a propaganda oficial a apresenta como uma cidade "Planejada e de traçado moderno", enquanto revitaliza-se o centro da cidade, tornando-a "Cidade Luz", noutra via, o que se vê é um processo de crescimento urbano acelerado, que pressiona áreas periféricas da cidade sem infraestrutura social, repercute negativamente sobre o meio ambiente e contribui para o aumento da violência urbana (MUSSATO, SILVA e SCACABAROSSI, 2010).

Noutra via, se aquela concepção asséptica de cidade moderna requeria a exortação de tudo que atrapalha e macula o fluxo comercial ou deslocamento célere, o que se percebe na conjuntura de Boa Vista é a presença de um gradativo número de pessoas ocupando suas ruas e praças, vendendo, pedindo, trabalhando, perambulando, etc. Visto sob a ótica da cidade biopolítica e das fronteiras que ela engendra, há que se pensar nos processos de exclusão e sujeição que sobre essas pessoas incidem. Mas, também noutra perspectiva, que ressalte essa marca naquilo que ela

pode ter de demarcação de outros territórios existenciais.

Todavia, a despeito das biopolíticas que compõe junto aos sujeitos seu ordenamento, escrutínio e/ou normalização, a isso resiste a vida: arvorando-se de artimanhas cotidianas para nele se fazer diferente do requerido (DE CERTEAU, 2009). Aposta-se, nesses termos, que, nos limites – aqui entendido como interstícios (FOUCAULT, 2008c) – de um poder que investe sobre a vida, soerguem-se iniciativas que a ele resiste, fazendo-se potência de vida (PÁL PELBART, 2003).

Primeira observação a esse respeito: aparece aqui uma noção de sujeito que, "não está no centro, ocupado pela máquina, mas na borda, sem identidade fixa, sempre descentrado, concluído dos estados pelos quais passa" (DELEUZE E GUATTARI, 2010, p. 35). Fala-se aqui de um *êthos* que se vincula à relação que estabelecemos conosco, de um compromisso que nos propomos a praticar cotidianamente. Foucault (1984, 2005) caracteriza essa relação como um "asceticismo indispensável" (p. 344), um cuidado consigo que diz respeito à tomada de si mesmo como objeto de constante trabalho de elaboração. Tarefa árdua, difícil e complexa, dirá ele! E que não é a busca de uma descoberta de si, a descoberta dos segredos profundos e de uma verdade sobre o eu; mas uma ação infindável de elaboração: a invenção de si mesmo e do mundo (KASTRUP, 2009).

Assim, contra a necessidade de mimetizar a existência em tipos herméticos, "é preciso situar-se nas fronteiras" (FOUCAULT, 2005, p. 347), nos diz ele. Nessa outra concepção, persegue-se a pista de que se faz necessária a ruptura com linhas que segmentariam a vida em dicotomias e "cálculos binários" (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 28). Não se trata de discutir aquilo que já é universal ou obrigatório, mas de ir ao encontro do que, nesses processos de homogeneização e abafamento da vida, ainda há de singular, que pulsa contingência, daquilo que se encontra no entremeio do estabelecido. Essa atitude de habitação das fronteiras serviria exatamente à análise daquilo que somos, pensamos e fazemos atualmente e, por sinal, nos permitiria exatamente a transfiguração desses modos de ser para outros distintos: deixarmos de ser o que somos, abrindo a possibilidade para constantes reinvenções.

Enfim, interstícios, fronteiras, linhas de fuga, limiares de uma cidade e suas gentes. Políticas que se fazem no bojo mesmo de quem assim não o permite. Narrativas infames do encontro do comum com o poder. Jeitos de se fazer vivo, a despeito dele. As delimitações de um eu e seu transbordamento. Imagens da vida boa-vistense que se fazem num arranjo frouxo que faz passar não só os processos biopolíticos de fronteira, mas também uma força impessoal e inominável.

Sobre o Método

A perspectiva adotada nesse estudo pautou-se em dispositivos metodológicos característicos da abordagem denominada qualitativa, seguindo uma perspectiva cartográfica e etnográfica, naquilo que se refere, por um lado, à dimensão participante dos pesquisadores (BRANDÃO, 1985) e, por outro, a necessidade de seu registro cartográfico (GUATTARI e ROLNIK, 1989).

Nesse sentido, organizou-se a partir do exercício de ontologia sobre nós mesmos, da necessidade de nos perquirirmos acerca do nosso tempo, de como nos situamos e nos compomos nele (FOUCAULT, 2012), para, a partir disso, abrindo-se à escuta daqueles que ocupam a urbe. Deambular pela cidade, compondo junto aos seus usuários comuns narrativas e confabulações (RANCIÈRE, 2009).

Perseguindo tais princípios, tem-se uma concepção de pesquisa que aparece vinculada ao exercício ético-político de uma inextricável correlação entre modos de pesquisar e de viver (MACHADO, GOTARDI, 2011). Paradigma que rechaça a pretensão à neutralidade científica, mas que nem por isso abandona quaisquer compromissos com o rigor metodológico. Ele, ao contrário, modula a inserção, interpretação e produção dos dados e resultados, na medida em que cada um desses elementos é diuturnamente postos em análise (BAREMBLITT, 1996).

Seguindo a concepção apontada por Benjamin (1994) da necessidade de reativarmos nossa capacidade de compartilhar e narrar experiências, essa pesquisa se centrou em andanças e escutas, realizadas durante os meses de março de 2015 a junho de 2016, realizadas em diferentes pontos e com diferentes pessoas da cidade de Boa Vista. Tais andanças, não obedeceram a um horário, roteiro ou cronograma previamente estipulado, assim como não se recorreu à definição de um quantitativo mínimo de sujeitos ou encontros.

Como principal dispositivo dessa pesquisa, adotou-se a produção de diários de campo, os quais são apresentados como fragmentos narrativos das observações e encontros com algumas das aqui chamadas "vidas infames" do espaço urbano boavistente. No uso de tal ferramenta metodológica pretende-se praticar um exercício que se desdobra em registros que não "se oferece à dissecação, ao crivo reflexivo do já visto, às amarras do já consagrado, à padronização intelectiva perpetrada pela camisa-de-força da obrigação de descrever a *verdade* das coisas" (AQUINO, 2011, p. 648), mas de compreendê-las na transversalidade dos processos que as constituem.

Desse modo, para dar conta do intuito do presente estudo, ao longo da pesquisa foram eleitos eventos, acontecimentos, falas ou imagem que sugerem ou funcionam como analisadores (GUATTARI, 1984) dos atuais processos de subjetivação, produção de infâmia e práticas de resistência experimentados na atual conjuntura do espaço urbano de Boa Vista. Por "analisador", segundo a vertente teórico-metodológica da Análise Institucional, entendem-se acontecimentos ou

fenômenos que, embora aparentem insignificância ou serem desimportantes, são "portadores do sentido oculto no não dito" (ARDOINO e LOURAU, 2003, p. 14).

Assim, conforme definido por Baremblitt (1996), um *analisador* desempenha no institucionalismo a mesma função desempenhada pelo sintoma na análise individual. Seriam "pistas", levantadas ao acaso ou sugestionadas pelo analista, que podem ser úteis na interpretação a respeito dos modos como aquilo que é instituído e instituinte se articulam, imbricam e se entremeiam.

Alguns Analisadores

Embora outras cenas e imagens possam ser evocadas e a discussão em torno dos processos de subjetivação na urbe não se encerrem nas aqui apresentadas, para os fins do presente estudo, a seguir são apresentados alguns desses analisadores inventariados.

Uma velha e outros noventa e nove

Meio dia de muito calor, como tantos outros em Boa Vista. Como é usual para o horário, a avenida Mário Homem de Mello ferve de buzinas, carros e calores dessa e de outras ordens. Entre um sinal que se fecha, uma conversão à esquerda e as buzinas que se aglutinam, estamos nós, amparados pelo telhado de um dos muitos pontos comerciais da área.

O vai e vem de pessoas no restaurante denuncia a pressa de quem tem fome. Pressa que deve ter, mas não parece caber a uma senhora de pele negra, traços indígenas e passo miúdo que se aproxima. O corpo negro é recoberto até a altura dos joelhos por um tecido vistosamente estampado. Flores amarelas, intercaladas por fitas que escondem ou demarcam as costuras da roupa, denunciam uma indumentária alegre que veste alguém que não transparece coisa semelhante. Supõe-se que seja venezuelana e indígena. Certamente mais uma dos quase cem que ocupavam as ruas de Boa Vista na atualidade, fugindo da fome e do fogo e que acabaram deportados entre janeiro e abril de 2016.

Na história desses indígenas, o encontro com uma cidade que não os quer:

> "A retirada dos indígenas faz parte do atendimento da demanda da população de Boa Vista que vem sendo abordada por pedintes, indígenas estrangeiros e outras pessoas oriundas de países de fronteira que não apresentam documentação legal para permanência em solo brasileiro[1]."

A cidade que expurga os que dela destoam, ou no mínimo inviabiliza sua expressividade em seu interior mesmo, fazendo do racismo o *modus operandi* contra todos que se tornam matáveis

(FOUCAULT, 2013), é curiosamente atrativa a essa vida estranha. O que seduz ou obriga aquela velha fazer daquele sinal lugar no mundo?
Mas, mais do que isso, o que há ser dito a respeito daquela insólita existência?
Ou seja, que políticas, para além das usuais questões relacionadas à migração e ilegalidade de sua presença numa cidade estrangeira, podem ser suscitadas aqui?

Para que o digamos, retomemos a composição da cena. A velha tem sobre seu ombro esquerdo um tecido roto, tipo fralda de pano, amarrado como tipoia. Nele, apoia um outro corpo miúdo, de olhos vívidos e rosto tão inexpressivo quanto o da senhora. Aproximam-se ainda mais os dois.

A comunicação é rústica, mas clara: enquanto segura a criança, ela estica o outro braço, mostrando um pequeno recipiente. Não fala nada, apenas pede. Supõe-se que ela precisa do infante para seduzir o contribuinte. Mas, o interessante é que aquela senhora não recorre a métodos "tradicionais" de se "pedir", a não ser de tentar nos alcançar a sensibilidade, apenas expondo a tipoia. Enquanto outros pedem falando, emocionando-se, expondo a vida, as agruras, as necessidades, ela apenas nos olha. Convoca o estranho ao olhar. Nada de cabeças baixas que possam ignorar a atenção que os ouvidos recobram.

Num tempo que convoca à fala, portanto, o silêncio que estica a parte do corpo que as flores felizes não alcançam, diz alto. Numa cidade que a quer fazer silenciada, a velha recorre a uma das mil formas de caça não-autorizada de que nos fala De Certeau (2009) para utilizar o silêncio em seu favor. Nessa sua "tática do fraco contra o forte", sua ação faz operar uma cesura nos processos de exclusão experimentados por esse corpo forasteiro na cidade-leque, na medida em que lança mão daquilo que ratifica os processos de exclusão para, transpassando-o, mostrar-se viva e potente (DE CERTEAU, 2009, PÁL PELBART, 2003).

Na estranheza daquela vida que não precisa fazer muito para "dizer" qual seu propósito, ali, naquela avenida, naquele cruzamento que junta alguns tipos estranhos e outros tantos mesquinhos, a senhora do vestido de flores amarelas, no seu silêncio, faz lembrar que a vida se politiza sem recorrer necessariamente ao alarde (GUATTARI, 1993). Inventa-se nesse seu operar, portanto, uma micropolítica que à máquina resiste ou confronta, recorrendo ao que há de mais ínfimo, sutil e sagaz: o próprio corpo. Esse, investido, nesse seu proceder, de atribuições diferentes do que dita a gramática da cidade biopolítica, para a qual ele deve ser docilizado, fragilizado, normalizado e inoperante (FOUCAULT, 2008).

"Eles dormem tudo aí!"

Terminal de ônibus de Boa Vista, capital do estado de Roraima. Em um banco de madeira, dois

chinelos marrons de lodo, um sobre o outro, apoiam uma cabeça. Suas rugas e sulcos são bem marcados, os cabelos, crespos e tendendo ao branco. A cabeça, sustenta um corpo negro, que aparenta velhice e dorme como criança. Um braço sobre os chinelos, outro sobre o rosto. O corpo é miúdo, quase encaixa-se às dimensões do assento. Quase são um, embora talvez também almejem ser ninguém (BAPTISTA, 2011).

O corpo que dorme, ou parece dormir, também parece não ver que o Terminal ainda se mantém vigilante. Tudo pulsa, exceto a bestialidade da TV ligada e a sequência de passageiros, sentados nos bancos, absortos em seus celulares. E o pulso do velho que dorme sobre o banco, em que frequência bate na aspereza da sua solidão noturna?
Enquanto uns se tele-transportam para fora do terminal, o que resta àquele corpo sujo e imóvel, tão delicadamente depositado sobre a dureza da madeira?
Não há como sabê-lo, não há quem o diga. Ao menos não agora. A cidade que se ilumina de modernidade, não parece se ressentir em expor mais uma de suas manchas urbanas (VERAS, 2009).

Talvez a cidade faça vistas grossas à exposição pública daquela vida nua por esta se encontrar no limiar entre a orla vendida como cartão postal de um centro revitalizado e a zona cinzenta que mancha o desenho ordenado, representada pelo Beiral, localizado a poucos metros dali. É assim que a noite e as madrugadas daquele pedaço da "cidade-leque" deixam vir ao nosso encontro o que há de contemporâneo em Boa Vista, aquilo que nos faz perceber não as suas luzes, mas sim as suas sombras (AGAMBEN, 2009).

Perto dali, um guarda faz as vezes de vigia, empunhando arma e expondo sua farda escura. É dele a frase tomada como analisador. Perguntado a respeito da frequência com que pessoas em situação de rua costumam estar e se depositar ali, o guarda, como quem sequer tivesse visto seu vizinho, apenas diz que sempre tem gente dormindo nos bancos. Fica claro que ele não sabe de quem falamos. O homem fardado se aproxima do banco e profetiza: "eles dormem tudo aí!"

Em poucas palavras, torna claro quais políticas fazem funcionar aqueles que devem vigiar e proteger a cidade. Se à disciplina dar conta daquele corpo disperso sobre um banco era fundamental para exercer seu poder, ou seja, individializar para docilizar, docilizar para melhor governar os corpos (FOUCAULT, 1993); na cidade que agora se quer moderna, essa relação se atualiza na produção de uma despersonalização identitária. Tratado como espécie, aquele corpo compõe a mesma sina, destino e intervenção de quaisquer outros tão perigosos ou descartáveis quanto (FOUCAULT, 2008).

O corpo agora é apenas mais um entre os outros que dormem. O corpo enrugado e de cabelos

brancos, ao guarda e à cidade, aparece despossuído, despolitizado. Outra identidade lhe convém. "Ele" desaparece. Surgem "eles". Iguais, portanto, no sono nervoso, nos bancos que os acolhem, na sujeira que carregam e naquilo que se supõe serem. Eis, portanto, na frase do guarda, representante do estado, a produção de uma vida infame (FOUCAULT, 2006). O apagamento da diferença que singulariza a existência humana e sua redução a um conjunto de menções ordinárias, por vezes sutis, mas definidora e definitivas.

Tal produção diz respeito, naquilo que se refere à psicologia, da consecução na atualidade de um longo processo histórico de afirmação de um "eu" centrado, concreto e imutável, visto sob os signos de personalidade, identidade, subjetividade (MACHADO, 1999). Concepções que retiram da vida a potência de diferir, a capacidade de reinvenção de si mesmo, de não sermos ou estarmos prontos.

É assim que, da imagem composta por aquele corpo, legendada pelas parcas palavras do vigia, afirma-se novamente a produção de infames como estratégia biopolítica de gestão da vida na atualidade boa-vistense. Tal produção de infâmia, no caso em que se apresenta, colada à generalização em torno de quem são, o que fazem, como vivem e/ou do quê vivem tais pessoas que passam a ocupar o espaço urbano da cidade, apaga a possiblidade de concebermos um modo processual de subjetivar-se, para em seu lugar fazer passar formas-subjetividade, tornados herméticos às transformações possíveis (MACHADO, 1999).

Experimentações de amizade na pesquisa e na feira

Esse último ponto diz respeito aos processos de amizade acompanhados durante nossas experimentações numa feira da cidade de Boa Vista. Aqui, tratamos das relações e dos vínculos que se estabelecem diariamente entre aqueles que a fazem. Para além de uma concepção restrita da amizade como relação de concordância tácita ou compreensão incondicional entre os entes que a constituem, ressaltamos as relações que se dão entre os diferentes, entre aqueles que divergem, conforme o proposto por Deleuze (1997). São, assim, relações inusitadas que se firmam como resistência aos ditames da vida biopolítica (FOUCAULT, 1981).

Desse modo, vínculos de amizade são referentes aos afetos que se passam na/com a feira e sua inscrição na cidade. Não se tratam apenas de afeições ou sentimentos recíprocos invocados e envolvidos nas atividades cotidianas de feirantes e fregueses, mas de encontros, atravessamentos, imbricações, forças que se cruzam e criam novas potências (DELEUZE, 1997). Nesse sentido, aposta-se aqui que, além das trocas comerciais de compra e venda, além das relações de vigilância e escrutínio da feira, os diversos atores que compõem tal cenário se lançam em uma convivência que engendra e inventa outros modos de habitar e partilhar os espaços uns com os

outros.

Aqui, se inserem as relações entre feirantes vizinhos que se revezam no câmbio do dinheiro para o troco dos fregueses ou na supervisão da barraca alheia enquanto seu dono precisa se ausentar. São relações de vidas inteiras, feirantes que se conhecem há muitos anos, que compartilham nas conversas e narrativas os percalços da vida e seus desdobramentos. Vínculos de amizade que se estabelecem entre feirantes e fregueses, fazendo da ida à feira mais que um evento comercial de ir às compras, mas um momento de diversão, de encontros e de partilha da vida. Como mencionado por feirantes e frequentadores, essas relações de amizade se afirmam, por exemplo, na opção de compra num centro comercial que nem sempre oferece os melhores preços ou mercadorias. Assim, segundo apuramos, embora alguns preços ali sejam mais elevados dos que os encontrados no supermercado, a ida à feira garante o coco fresco ralado na hora, separado e à espera de seu dono, sem que seja necessário encomendá-lo, pois apenas a fidelidade semanal do freguês garante que a encomenda esteja à sua espera; ou a galinha caipira, tratada exatamente da maneira que a freguesa idosa deseja. Ou mesmo a conversa descompromissada entre quem vende e quem, depois de algum tempo, simplesmente vai embora sem adquirir qualquer mercadoria ou produto.

Relações entre os diferentes que são, esses vínculos de amizade compõem também os afetos das narrativas acompanhadas durante a pesquisa, nas conversas estabelecidas entre feirantes e pesquisadores. A partir do entendimento da pesquisa como um modo de habitar a vida que em muito extrapola a exclusiva finalidade da produção do conhecimento, pesquisar não mais difere de viver e toma-se aqui a caminhada do pesquisar como também uma forma – ou uma atitude – de elaborarmos a nós mesmos diuturnamente, colocando em exercício a dinâmica de nos perguntarmos o que temos produzido, o que temos experimentado e o que temos rechaçado em nossas pesquisas (FOUCAULT, 1984, 2005).

Ao longo dos quinze meses de inserção na Feira do Produtor, sobraram exemplos disso. Tais como o velho nômade que espera a esposa enquanto anda por toda a feira vendendo seus produtos naturais. Não precisamos de muito para começarmos uma conversa com ele, um detalhe sobre a moto e então nos falou sobre as dores da velhice, a dificuldade em conseguir se aposentar e o nomadismo praticado com a esposa pelo Norte e Nordeste brasileiro. Desse primeiro encontro, muitos outros foram arranjados. Desde o tempo do uso dos monóculos, das dificuldades financeiras, dos convites para visitarmos sua casa, do óleo de cozinha que é bom parar sarar queimaduras e até o filho que morreu há alguns anos e ainda hoje enche d'água seus olhos. Os temas são diversos, as conversas fluem sem que seja preciso algo além de um aceno de cabeça e um aperto de mão seguido de um abraço. Quando há ausência de um dos pesquisadores, a

preocupação se faz presente em perguntas, no envio de lembranças, recados e na estima dos reencontros. Do mesmo modo, a conversa tramada que remete incessantemente às conversas com o filho que tanto faz falta, que provoca tantas saudades e lembranças no pai: a justificativa para tal é a verdade sustentada pelo olhar nos encontros com os pesquisadores. Aqui, nos parece que a emissão de signos, como Deleuze (1997) esboça a amizade, é captada reciprocamente por feirantes e pesquisadores.

Amizade firmada na diferença (DELEUZE, 1997) também estabelecida com um senhor ossudo, vendedor de cocos, doces e castanhas. Também não precisamos de muito para firmar qualquer vínculo: encostar na barraca, ouvir suas narrativas e seus gracejos sobre os temas mais diversificados e dizer que estávamos ali para conversar, era o bastante para o senhor desatar a falar. Enquanto nos oferecia seu banco para que sentássemos, falava sobre os irmãos, o lote onde cultiva alguns frutos, as lendas nordestinas ou as filhas levadas pelas mães – aqui, com os olhos marejados e sussurros quase inaudíveis. Nas brincadeiras tecidas entre uma venda e outra que o feirante fazia sem que houvesse muita tentativa de conquista do freguês, aprendemos a descascar algumas castanhas, receitas de algumas cocadas e ajudamos a destrocar o dinheiro para a continuidade das vendas. Somos de confiança, gentes finas e majestades. Rimos nos encontros e nas lembranças deles.

Apresentá-las, todavia, não é feito em vão. Reafirmar a possibilidade de experimentação da amizade na pesquisa é também um jeito de tornar patente a reafirmação do posicionamento etnográfico e cartográfico que a pesquisa adotou. Isso posto, afirmamos aqui a completa negação à pretensão de neutralidade científica nos moldes de uma ciência clássica, ao tempo em que positivamos outras atitudes, outros modos de entender a produção científica do conhecimento, fazendo-a por outras vias (MACHADO; GOTTARDI, 2011). Uma via segundo a qual, como mencionado, pesquisar e viver não sejam instâncias separadas e pela qual o exercício de pesquisar seja já um modo de agir politicamente sobre nós e o mundo.

---

[1] Fragmento da nota enviada pela Secretaria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Boa Vista ao portal de notícias Amazônia Real. Reportagem completa disponível em http://
amazoniareal.com
.br
/crise-na-venezuela-populacao-de-boa-vista-pediu-deportacao-de-indios-warao-em-roraima/

ARDOINO, J. & LOURAU, R. **As Pedagogias Institucionais**. São Carlos: RiMa, 2003.

AQUINO, J. G. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.3, p. 641 - 656, set./dez. 2011.

BAPTISTA, L. A. **A cidade dos sábios**. São Paulo: Summus, 1999.

_____ Oração de um nenhum para Nossa Senhora dos Desvalidos. **Jornal Do Grupo Tortura Nunca Mais.** Ano 25, n° 78. Rio de Janeiro, dezembro de 2011.

BAREMBLITT, G.. **Compêndio de Análise Institucional**. Rio de Janeiro: 3a. ed., Rosa dos Tempos, 1996

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119. (Obras Escolhidas v. 1).

_____. **Passagens**. (Org. Willi Bolle; tradução Irene Aron, et. al.). Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial, 2006

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

CARVALHO, E. N. e COSTA, S. L. da. As potências da narrativa. Em: Lopes, J. K. M., Carvalho, E. N. e Matos, K. S. A. L. **Ética e as reverberações do fazer**. Fortaleza: Ediçoes UFC, 2011.

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.**O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1.** Trad. Luiz B. L. Orlandi. ed. 34. 2010 [1972]

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, M. Qu'est-ce que les Lumières?
, **Magazine Littéraire**, nº 207, mai 1984, pp. 35-39. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento.
Disponível em:
http://
www.
filoczar.com

.br
/foucault/Foucault-O-Que-e-o-Iluminismo.pdf
. Acesso em 17 de fevereiro de 2016

_____. O Que São as Luzes?
In: _____. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Editora Forense Universitária, 2005. p. 335-351.

_____ A vida dos homens infames. Em: MOTTA, M. B. **Estratégia de poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 199- 217.

_____. O nascimento da medicina social. IN: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2008.

_____. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. Nietzsche, genealogia e história. IN: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2008.

_____. Conversa com Michel Foucault. In: _____. **Repensar a política - Ditos & escritos VI**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 289-347.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Limiar, aura e rememoração. Ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. 34, 2014

GUATTARI, F. **As três ecologias.** Papirus: São Paulo, 1993.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítca: cartografias do desejo**. Petrópolis. Vozes, 1989

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MACHADO, L. D. Subjetividades Contemporâneas. In: BARROS, M. E. B. (org.) **Psicologia: questões contemporâneas.** Vitória: Edufes, 1999.

MACHADO, L. A. D.; GOTTARDI, D. P. P. Interferências ético-políticas nos processos de pesquisa. In: LOPES, K. J. M.; CARVALHO, E. N.; MATOS, K. S. A. L. (Org.) Ética e as reverberações do

fazer. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 46-59.

MAUTNER, A. V. A sombra da cidade ou vivendo dos excessos. In: MAGALLHAES et al. **Na sombra da cidade**. Rio de Janeiro: Escuta, 199

MUSSATO, O. B., SILVA, G. F., SCACABAROSSI, H. Expansão urbana desordenada como fator de comprometimento do meio ambiente na Amazônia Setentrional: um estudo de caso das condições socioambientais da área denominada bairro Senador Hélio Campos na cidade de Boa Vista-RR. **Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. AGB- Associação Brasileira dos Geógrafos: Porto Alegre – RS, julho de 2010.

PÁL PELBART, P. Poder sobre a vida, potência da vida**. Lugar comum**, n17, 2003. pp. 33-43.

RANCIÈRE, J. Se é preciso concluir que a história é ficção. Dos modos de ficção. In: _____. A partilha do sensível: estética e política. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009. pp. 52-62.

RODRIGUES, J. C. O Corpo na História. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SANTOS, T. B. Um estudo do simbolismo habitacional dos moradores do bairro Caetano Filho. **Relatório de Pesquisa**. PIC-UFRR: Boa Vista, 2014

SANTOS, J. J. G. **Projeto**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < lazaro.batista.fonseca@hotmail.com
> 20 de fevereiro de 2016.

STAEVIE, P.M. Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima. **Oculum Ensaios**. Campinas, janeiro-junho, 2011. p. 68-87.

TRINDADE, D et al. Cidades Planejadas. **Revista UFG**. Ano XI, n06. Junho de 2009.
Disponível em:
<http://
www.
proec.ufg.br
/revista_ufg/junho2009/cidadesplanejadas.pdf
>.
Acesso em: 20 de fevereiro de 2016.

VERAS, A.T.R. **A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima**. 2009. 235f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

1. Professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR)
2. Graduanda em Psicologia e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Roraima.

Recebido em: 01/08/2016

Aprovado em: 05/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: